

- 42 De acordo com as regras gramaticais, mantém-se correto o texto com a substituição dos dois travessões que destacam “a santa flor” (v.11) por vírgulas; mas a idéia de aposto que essa expressão tem com “parasita” (v.11) poderia ser confundida com a de enumeração.
- 43 Os versos de 15 a 18 constituem uma complementação sintática para a oração “Enlaça às negras tranças a rosa da devesa” (v. 15).
- 44 Na mesma geração de poetas românticos a que pertence Castro Alves, preocupada com o futuro, o sonho, a esperança, situa-se Casimiro de Abreu, pois na mesma direção temática dos trechos anteriores estão seus versos:

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro eu por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

- 45 O Brasil a que Castro Alves se refere vive sob regime monárquico, tal como boa parte das antigas colônias espanholas da América Latina. Diferentemente delas, contudo, o mundo do trabalho predominante no Brasil do século XIX era o das fábricas, graças sobretudo à ação empreendedora de Irineu Evangelista de Sousa, o barão de Mauá.
- 46 Durante o Romantismo, houve um rompimento em relação às regras estéticas clássicas e uma liberação dos cânones e das convenções que haviam predominado no Arcadismo.
- 47 Por influência francesa, o romance brasileiro, gênero inicialmente sentimental-aventuresco, em formato de folhetim, publicado em capítulos nos jornais, nasceu e floresceu durante o período romântico.
- 48 O Romantismo Brasileiro das duas primeiras gerações não trazia traços de preocupação com a história, com a nação, com a natureza, pois os poetas faziam versos exclusivamente sobre temas amorosos.



— Queira perdoar, mas... com aquele negrinho não pode entrar.

— Mas é que eu não posso separar-me dele: é quem me veste, quem me dá de comer, quem... me serve em tudo, afinal!

— É que... enfim, em atenção às ilustres qualidades pessoais de tão sábio soberano, creio que as

nações civilizadas não duvidarão em admiti-lo.

Uma história do Brasil através da caricatura. In: Agostini. Revista Ilustrada, ano 8, n.º 347, 30/6/1883 (BN), p. 13.

Considerando que a caricatura acima representa o Imperador Pedro II acompanhado de um menino negro, que tem no chapéu a inscrição ESCRAVIDÃO, julgue os seguintes itens.

- 49 O diálogo complementa o texto visual e simboliza a exploração dos negros pelo regime de escravidão no Brasil. Os personagens da caricatura, mais do que indivíduos, representam classes sociais existentes à época.
- 50 Pelo diálogo travado, é correto concluir que, por trás da cortina, estão representantes das “nações civilizadas” trabalhando em prol da libertação dos escravos no Brasil.
- 51 O período que segue o sinal de dois-pontos, na segunda fala, exprime, ao mesmo tempo, uma justificativa para a entrada do “negrinho” no salão e para a existência da escravidão no Brasil.

- 52 A terceira fala do diálogo mostra que o Imperador convenceu seu interlocutor da importância do “negrinho”, que passa a ser chamado de “sábio soberano” e a ter “ilustres qualidades pessoais”.
- 53 Além da histórica escravidão por dívida, como no caso dos seringueiros da Amazônia, ainda é registrado no Brasil o que se qualifica como trabalho escravo por ocasião da recente expansão da fronteira agrícola, motivada pela inserção do país na economia globalizada.
- 54 Foi lento e gradual o processo abolicionista brasileiro, quer pela ferrenha oposição que lhe foi movida pelos grandes proprietários rurais, os quais não admitiam a perda dos braços não-remunerados na lavoura, quer pela sutil atuação da Inglaterra na defesa dos interesses mercantis de seus empresários, que muito lucravam com o comércio de escravos.
- 55 Passado tanto tempo, há razoável consenso de que a maneira pela qual se deu a abolição da escravatura no Brasil (Lei Áurea, 1888) não contribuiu para a plena inserção dos afrodescendentes na sociedade brasileira, sem a subalternidade que caracterizava a escravidão. Isso explica a atualidade do debate em torno da adoção de uma política afirmativa, incluindo o tema das cotas, que começa a ganhar destaque no país.

1 Serei, até o final, reconhecido a Escauro por me haver
iniciado desde jovem no estudo do grego. Amei essa língua
por sua flexibilidade, sua elasticidade, sua riqueza de
4 vocabulário, no qual se atesta, em cada palavra, o contacto
direto e variado com a realidade. Amei-a também porque
7 quase tudo que os homens disseram de melhor o foi em
grego. O grego tem atrás de si tesouros de experiência,
abrangendo a sabedoria dos homens e a sabedoria do
Estado. Dos tiranos jônicos aos demagogos de Atenas, da
10 pura austeridade de um Agesilau aos excessos de um Dionísio
ou de um Demétrio, da traição de Demarato à fidelidade de
Filopêmen, tudo que cada um de nós pode tentar para
13 prejudicar os seus semelhantes ou para servi-los já foi feito,
pelo menos uma vez, por um grego. Sucede o mesmo com as
nossas escolhas pessoais: do cinismo ao idealismo, do
16 ceticismo de Pirro aos sonhos sagrados de Pitágoras, nossas
recusas ou nossos sentimentos já existiram, nossos vícios e
nossas virtudes têm modelos gregos.

Marguerite Yourcenar. Memórias de Adriano. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003, p. 35-6 (com adaptações).

No texto acima, a autora dá voz ao imperador romano Adriano. Tendo o texto como referência inicial, julgue os itens seguintes.

- 56 No texto, a forma verbal “Serei” (l.1) foi empregada para indicar que o reconhecimento a Escauro ainda não tinha ocorrido no momento da fala de Adriano.
- 57 A substituição de “no qual” (l.4) por **em que** preserva as relações de regência determinadas pela norma padrão, mas permite criar ambigüidade de referente, pois o pronome relativo pode, então, ter como antecedente tanto “vocabulário” (l.4) quanto “língua” (l.2).
- 58 Governando quando o império romano se mostrava em pleno declínio, Adriano notabilizou-se por encerrar a longa fase de implacável perseguição aos cristãos, concedendo-lhes liberdade de culto e, pouco tempo depois, adotando o cristianismo como religião oficial de Roma.
- 59 Transparece do texto a arrogância típica do império romano em relação aos povos por ele conquistados, desqualificando-os militar, política e culturalmente. No caso da cultura helênica, a única grande contribuição cultural aceita por Roma ocorreu no campo filosófico, ainda assim com muitas reservas.

- 60 Pitágoras, citado no texto, foi um pensador grego que fugiu aos padrões filosóficos helênicos, a começar por seu radicalismo anti-religioso e pela repulsa a considerar como válidos conhecimentos hoje chamados de científicos, a exemplo da matemática e da física.
- 61 Palavras como “tiranos” e “demagogos”, na linha 9, utilizadas no texto para definir práticas e atitudes políticas na antiguidade grega, atravessaram os séculos e chegaram aos dias de hoje mantendo seu sentido original.

Cidade prevista

- 1 Guardei-me para a epopéia
que jamais escreverei.
Poetas de Minas Gerais
- 4 e bardos do Alto-Araguaia,
vagos cantores tupis,
recolhei meu pobre acervo,
7 alongai meu sentimento.
O que eu escrevi não conta.
O que desejei é tudo.
- 10 Retomai minhas palavras,
meus bens, minha inquietação,
fazei o canto ardoroso,
13 cheio de antigo mistério
mas límpido e resplendente.
Cantai esse verso puro,
16 que se ouvirá no Amazonas,
na choça do sertanejo
e no subúrbio carioca,
19 no mato, na vila X,
no colégio, na oficina,
território de homens livres
22 que será nosso país
e será pátria de todos.
Irmãos, cantai esse mundo
25 que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
- 28 Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
31 uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
34 um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
37 que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casas sem armadilha,
40 um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
43 nem vosso ainda, poetas.
Mas ele será um dia
o país de todo homem.

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e Prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p. 158-9.

Tendo como referência inicial o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentado acima, julgue os itens subsequentes.

- 62 Infere-se das idéias do texto que o poeta propõe, para que a poesia seja pura, a volta aos princípios formais e técnicos cultivados no Parnasianismo.

- 63 O poeta solidariza-se com a infelicidade dos homens que viverão no futuro, já que, segundo suas previsões, deverão enfrentar o caos e a anarquia social.
- 64 No texto, a palavra “epopéia” (v.1) está sendo empregada no sentido amplo de obra poética que exalta ações grandiosas, feitos memoráveis e gloriosos, capazes de provocar a admiração.
- 65 Em “Guardei-me” (v.1), o pronome “me” indica o emprego da voz passiva.
- 66 O emprego de formas verbais do modo imperativo na segunda pessoa do plural em “recolhei” (v.6), “alongai” (v.7), “Retomai” (v.10), “fazei” (v.12) e “Cantai” (v.15) confere ao poema um tom de exortação, conselho, solicitação, rogo.
- 67 Há interlocutores específicos a quem o poeta se dirige de forma privilegiada, explicitados nos versos 3, 4, 5 e no antepenúltimo verso do poema.
- 68 Os versos 3 e 4 representam, sintaticamente, um vocativo que recebe a qualificação de “vagos cantores tupis” (v.5) e é identificado com a segunda pessoa do plural, explicitada no pronome do verso: “nem vosso ainda, poetas” (v.43).
- 69 De acordo com as idéias do poema, a expressão “não conta” (v.8) corresponde a **é nada**.
- 70 Uma das preocupações centrais da obra de Carlos Drummond de Andrade é a realidade social, a reflexão sobre o estar no mundo, como exemplificam o poema apresentado e o poema seguinte:
- Não serei o poeta de um mundo caduco.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
- 71 Carlos Drummond de Andrade notabilizou-se como um dos idealizadores e organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, durante a qual publicou seus poemas da fase concretista.
- 72 Vinícius de Moraes, contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, produziu, além de crônicas e peças teatrais, uma obra poética multifacetada, com vertentes místicas, transcendentais, sociais, líricas e românticas.
- 73 Em “uma pátria sem fronteiras, sem leis e regulamentos” (v.29-30), o autor refere-se ao processo de globalização, que se define por um mercado global, capaz de homogeneizar o planeta e universalizar a cidadania pelo emprego da tecnologia e pela difusão da informação.
- 74 O território brasileiro é ordenado e hierarquizado a partir de sua rede urbana, que permite o fluxo de informações técnico-científicas.

1 O século está começando com a repetição de uma lei
histórica, cuja metáfora mais banal seria o duelo entre o
pequenino Davi e o poderoso Golias. A hegemonia militar,
4 econômica e tecnológica dos EUA, indiscutível e em expansão,
vem sendo ferida, ainda não mortalmente, pelas pedras de uma
funda também em expansão, mas cujos estragos começam a
7 ficar evidentes.

O terrorismo, condenável sob todos os aspectos, foi e
continua sendo a expressão das minorias, dos fracos subjugados
10 pelos fortes. Não envolve uma justificação moral nem precisa
dela. Enquanto houver um poderoso e um frágil, um senhor e
um escravo, não faltarão pedras para o combate desigual.

13 A constatação pode parecer cínica, e certamente o é, mas
nem por isso deixa de ser real. O colosso do Império Romano
não desabou da noite para o dia, foi desgastado ao longo de
16 uma era marcada pela morosidade espiritual e tecnológica,
quando um século durava bem mais do que cem anos.

Ao atentado de 11 de março em Madri, prolongamento
19 da tragédia do 11 de setembro em Nova York, somam-se os
episódios menores e mais antigos que ocorrem no Iraque
vencido, mas não conquistado, e no confronto sem solução
22 entre judeus e árabes em Israel, que se arrasta há décadas.

O julgamento da história sofre de cinismo igual. Dois
terroristas do século passado, Menahem Begin e Iasser Arafat,
25 ganharam o Prêmio Nobel da Paz. Pode-se argumentar que um
pacifista, como Martin Luther King, também ganhou o mesmo
Nobel. Mas foi assassinado, e o sonho que sonhou um dia
28 continua sendo assassinado.

Carlos Heitor Cony. *História universal do cinismo*. In:
Folha de S. Paulo, 20/3/2004, p. A 2 (com adaptações).

Considerando o texto acima e o tema por ele abordado, julgue os
itens seguintes.

75 De acordo com os sentidos do texto, “funda” (ℓ.6) está
empregado como um adjetivo que confere a “expansão” (ℓ.4) um
sentido metafórico correspondente a **profunda**.

76 Mantém-se a função de atribuir uma qualidade a “terrorismo”
(ℓ.8) ao se substituir “condenável sob todos os aspectos” (ℓ.8)
por **que é condenável sob todos os aspectos**.

77 O período sintático iniciado por “O colosso” (ℓ.14) é constituído
por uma oração principal, uma oração de valor adversativo e
uma oração adverbial de valor temporal, nessa ordem.

78 O expansionismo territorial é um aspecto importante para
compreender a questão Palestina, pois, desde a Guerra dos Seis
Dias, Israel realiza uma operação de colonização dos territórios
ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

79 Os palestinos refugiados, que hoje vivem em acampamentos na
Palestina e em países vizinhos, exemplificam aspectos positivos
da globalização: o favorecimento da solidariedade mundial e a
criação de oportunidades de desenvolvimento social e
econômico para a população de desfavorecidos.

80 O recrudescimento de ações terroristas nos dias de hoje nutre-
se, em larga medida, do sentimento de anti-americanismo, que
se desenvolve à medida que a política agressiva e unilateral
conduzida pelo governo de George W. Bush avança por várias
partes do planeta.

81 Diferentemente do que ocorre hoje, época pós-colapso soviético,
que explicitou a hegemonia norte-americana, o pós-Segunda
Guerra Mundial propiciou a emergência de um sistema bipolar
de poder mundial capitaneado pelas potências que então
representavam os modelos capitalista e socialista, período
marcado pela elevada tensão que caracterizou a Guerra Fria.

82 Na expressão “um século durava bem mais do que cem anos”
(ℓ.17), o texto se reporta a um período da história que poderia ser
identificado pelo declínio do Império Romano e pela época
medieval em que o ritmo da vida era ditado pelo tempo longo e
moroso, bem diferente do dinamismo típico da sociedade
contemporânea.

83 O texto lembra que o processo histórico é dialético e
contraditório, de tal modo que o criminoso de ontem
pode ser o herói de amanhã. Nesse sentido, na História
do Brasil, enquadra-se o Tiradentes da Conjuração
Mineira de 1789, subversivo que a metrópole portuguesa
condenou à morte, que se transformou no herói para a
República nascida cem anos depois.

1 Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao
cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor,
e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos
4 dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem
sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém,
teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade
7 fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele
tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma
mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-
10 la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma
escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em
cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela,
13 que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes,
paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes
aumentava do que destruía o prestígio.

16 A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e
sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela,
de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no
rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho
19 de cartas compridas e enovalhadas. Enquanto as
baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto,
mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta
22 anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos
sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e
25 disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O
senhor tem um grande susto...

28 Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.
— E quer saber, continuou ela, se lhe
acontecerá alguma coisa ou não...

31 — A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que
esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e
34 baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas
descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma,
duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo
37 tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as
40 palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo
de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele,
o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era
43 indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos.
Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita...
Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou,
46 recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito,
disse ele estendendo a mão por cima da mesa e
49 apertando a da cartomante.

Machado de Assis. *A cartomante*. In: *Obra completa*, v. II. Rio
de Janeiro: Nova Aguilar, 1974, p. 481-2 (com adaptações).

Considerando o fragmento de texto de Machado de Assis
mostrado acima e sua contextualização histórica, julgue os
itens subsequentes.

84 O acentuado contraste entre o deslumbramento cego de
Camilo, as atitudes e os gestos da cartomante e a descrição
do ambiente decadente e degradado tem como efeito
reforçar no leitor a confiabilidade dos prognósticos dela.

85 O emprego do pretérito perfeito na maioria dos verbos
reforça a caracterização do trecho como
predominantemente narrativo, embora entremeado por
segmentos descritivos e diálogos.